

S. Martinho das Carvalhas

CARVALHAS, orago S. Martinho, era vigararia da apresentação do Reitor de Santa Eulália de Rio Covo. O seu nome vem de muitos carvalhos que nela existiam e ainda existem.

É limitada ao nascente pela freguesia de Silveiras, ao sul pela de Chavão, ao poente pelas de Chorente e Góios e ao norte pelas de Remelhe e dita de Rio Côvo.

Terra seca, não a banha regato algum, é pouco fértil e a parte não cultivada está coberta de pinhais e devesas.

Está situada parte na encosta norte do monte da Saia e parte no prolongamento do monte de Remelhe, na sua ligação com aquele.

São fáceis os seus meios de comunicações, pois é atravessada de nascente a poente pela Estrada Municipal que de Silveiros, da Estrada Nacional n.º 4, vem entroncar, no lugar da Bouça Nova, com a que de Barcelos por Remelhe segue a Góios e Chorente.

O seu comércio está porém reduzido a uma pequena loja de mercearia e a sua indústria é a fabricação de carvão de madeira, feito nesta freguesia, ou em outras, por pessoas daqui.

Vem esta freguesia nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: c De Sancto Martino de Car-

valias» nas Terras de Faria e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e que Santa Eulália de Rio Covo tem sete casais e esta Igreja (et istam ecclesiam) (1).

A antiga Igreja Paroquial era no lugar da Igreja, junto à Cangosta que do Cabo vai para Real, ficando-lhe ao norte a Residência Paroquial. O templo era porém pequeno e insuficiente para as exigências do culto, em sítio húmido, sem condições higiénicas, chegando a um tal estado de ruína que em 1748 se *capitulou* a sua mudança para os lugares do Cabo ou do Souto de Real.

Dando-se preferência a este último, iniciaram-se as obras da construção da Igreja em 1749, sendo esta benzida e aberta ao culto em 1751.

Do lado direito da sua porta principal, a facear com a sua humilde fachada, ergue-se o torreão, construído em 1773, o qual era para um só sino mas nos princípios deste século foi aumentado e nele colocado outro.

Existe dentro da Igreja, junto ao arco cruzeiro, uma sepultura particular da casa da Portela. Na sua tampa de pedra tem gravada a seguinte inscrição: CAMPA. PERPETUA. DA. FAMÍLIA. DOS. FERREIRAS. DE. MACEDO. E. FARIAS. FEITA. EM. 1752. E. REFORMADA. EM. 1873.

À entrada e fora da porta principal existe outra sepultura, sem inscrição, pertencente à casa de Real e onde foi sepultada em 1858 D. Luísa Inácia de Azevedo, mulher de André de Gouveia Mendanha Benevides, senhores daquela casa.

A actual Residência Paroquial, mandada edificar na mesma ocasião da Igreja, está ao lado direito da Estrada

(1) *Alexandre Herculano — Port. Mon. His. Inquisitiones.*

Municipal que vem de Silveiros, ao nascente da matriz e distante desta uns cem metros.

É de regular aparência e suficientemente espaçosa, sendo empregados, quando da sua construção, os materiais da antiga.

Na padieira de uma porta interior vê-se a data 1714 e em uma parede do outão do coberto do terreiro a de 1614, pedras estas que, com certeza, para aqui vieram do velho presbitério.

O Cemitério Paroquial está junto ao adro, em frente à porta principal da Igreja e foi construído em 1886.

Ao lado do Cemitério e mais abaixo está o Cruzeiro Paroquial que devia ser feito, ou para aqui trazido, na ocasião da construção da Igreja.

Ao sul deste, no antigo Souto de Real, existiu um outro Cruzeiro, hoje derrubado, que na base tinha a seguinte inscrição: J. H. S. ESTA. OBRA. MANDOU. FAZER. SEBASTIÃO. DE. MACEDO. FERREIRA. DE. FARIA. Não tem data mas já existia em 1751 pois, segundo consta do arquivo paroquial, a ele foi a procissão no dia da bênção da nova Igreja.

Não existe confraria alguma nesta freguesia e nela apenas há uma Capela e essa particular.

É a de Santo António e foi mandada fazer em 1711 pelo P.^e António José de Melo, Reitor de Santa Eulália de Rio Covo, junto às suas casas do Cabo, lado nascente, e perto da antiga Estrada Real de Famalicão a Barcelos.

O seu fundador projectou mas não realizou a instituição de um albergue para pobres e passageiros, junto àquela Capela.

Deixou à sua morte a casa e bens a um herdeiro, os quais estão hoje na posse da Casa de Paços, de Santa Eulália de Rio Covo, e a capela a outro.

Pelo decorrer dos tempos esta conheceu vários possuidores, até que por fim, no último século, foi comprada pelo Morgado da Portela, Clemente Ferreira de Macedo Faria Gajo, e já neste veio, por igual título, à posse daquela dita casa de Paços.

Há nesta freguesia os seguintes «Nichos ou Alminhas »: o da Portela, o das Almas, o de S. Martinho, o de Real, e o de Perdigão.

Este tem gravado no pedestal o seguinte letreiro:
MANDOU. FAZER. ESTA. OBRA. O. CAPITÃO. JOÃO.
CORREIA. MACHADO. DA. QUINTA. DO. PERDIGÃO.
NO. ANNO. DE 1864.

Dentro dos limites desta freguesia, na encosta do monte da Saia, existe uma construção romana, ou pre-romana, conhecida aqui pelo nome de «Forno de Mouros».

A sua descrição vem no n.º 492 do semanário «Aurora do Cávado », de Barcelos, a qual, com a devida vénia, passamos a transcrever.

«Imaginaí uma construção de dois metros de alto, de forma de uma ferradura, dos ângulos da qual se prolonga um corredor que se estende em linha oblíqua alargando para a sahida o qual vae dar em um espaço quadrangular, dum canto do qual sobe uma escada de três degraus que terminava n'um pequeno pateo: colocai no centro deste quadrado, encostado a uma das faces, o tanque e tereis uma edeia perfeita da edificação que quero descrever.

Fazendo parte do tanque, e ao lado direito da bica, e tendo em frente três pequenas pedras quadradas, que parecem servir de assento, achavam-se colocadas ao alto, unidas e formando ambas pelo lado superior uma coroa, com o arco voltado para baixo, duas pedras de onze decímetros de alto por quatro de largo, toscamente lavradas e com baixos relevos, um de sessenta e cinco centime-

tros por trinta, representando uma mulher, e outro de cinquenta centímetros por trinta e cinco, representando um menino, com a cabeça dum touro ao lado esquerdo.

Estão de tal sorte carcomidas estas figuras, que mostram claramente terem estado expostas à acção do tempo largos anos antes de serem sepultados no aluvião».

Estas figuras e outros objectos ali encontrados foram oferecidos pelo seu proprietário, Semião Ferreira de Macedo Faria Gajo, à Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Em 1896 aquele mesmo proprietário doou à dita Sociedade o «Forno dos Mouros» com uma facha de terreno em volta, com caminho de servidão de pé desde o caminho da Mata de Baixo; uma Lage com diferentes desenhos gravados e algumas *fossetas*, buraquinhos, no sítio chamado das Lages, sobre a quinta da Portela e servidão de trânsito a pé para a dita Lage, desde o caminho que vai para Chavão, tudo no valor de oito mil reis e com a cláusula de reversão para o doador, ou sucessores, no caso da extinção da Sociedade donatária.

As Fontes Públicas desta freguesia são: as do Sacramento, a da Feitosa, a da Portela, a do Outeiro, a do Ribeiro Forcado, e a de Tralavinha. As casas mais importantes são: a da Portela, a do Cabo, a da Eira, a de Real, a de S. Martinho, a da Naia e a do Perdigão.

Dos homens mais notáveis, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, mencionaremos alguns.

Clemente Ferreira de Macedo- Faria Gajo, nascido na sua casa da Portela, onde faleceu em 1879. Sendo Alferes do Regimento de Milícias de Vila do Conde, emigrou em 1826 para Lugo (Espanha) donde veio em seguida incorporar-se no Batalhão de Vila Real. Extinto este Batalhão, foi mandado incorporar no de Infantaria

n.º 12, entrando em todas as acções a que assistiu este Batalhão.

Em Fevereiro de 1827 esteve na defesa (?) da Ponte de Prado e teve de emigrar novamente para Espanha donde voltou em 1828.

Esteve também no cerco do Porto, no posto de Capitão. Foi amnistiado em Évora Monte.

Em 28 de Novembro de 1846 foi o primeiro que se apresentou em Famalicão, com gente armada à sua custa, para proclamar rei a D. Miguel.

Sendo Major graduado, o general Macdonell, em 1846, nomeou-o Tenente-coronel do seu Regimento.

Culpado pelo crime de rebelião, foi perseguido e assaltado várias vezes.

Álvaro Nunes, Escudeiro de el-rei e Tabelião em Barcelos, fundou em 3 de Dezembro de 1519 «*a Capela dos Reis Magos*», com sepultura privativa na Colegiada de Barcelos, cujo vínculo compreendia, além doutras propriedades, a Casa e Quinta do Perdigão.

Miguel Teixeira de Barros, 3.º Morgado do Perdigão, tirou carta de Brasão em 31 de Janeiro de 1612—Teixeiras, Tinocos, Barros e Costas.

Frei Manuel de Anunciação Gajo, nascido em 1772 na casa da Portela, foi frade em Vilar de Frades e escreveu um livro sobre emaranhadas genealogias.

Sebastião de Macedo instituiu o Morgado da Portela. Francisco Ferreira de Macedo, senhor daquele Morgado, que tirou brasão dos Ferreiras-Macedos.

Manuel Teixeira de Barros, 8.º Morgado do Perdigão (capela dos Reis Magos), Tenente do Regimento de Milícias de Vila do Conde e Familiar do Santo Ofício da Inquisição de Coimbra por carta de 18 de Setembro de 1772.

P.º José António da Silva Fonseca, natural da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, foi vigário das

Carvalhas por renúncia de seu tio P.^e Miguel da Silva Fonseca, quando nomeado Cónego Cura da Colegiada de Barcelos em 1789.

A resignação foi confirmada por Bula do Papa Pio VI, mas o reitor de Santa Eulália de Rio Covo, como Padroeiro, não se conformou com esta resolução e pôs-lhe embargos com o fundamento de que a vigararia era de natureza *ad nutum e* portanto não admitia renúncia.

Contestando, o vigário eleito alega que a vigararia era de natureza *colativa*.

Por ter sido considerado um benefício colativo, o vigário obteve sentença favorável em 1789, tomando posse em 8 de Junho de 1790.

Este vigário foi acusado de assinar uma representação contra o comandante militar de Silveiros, Capitão de Ordenanças, de incitar os povos à revolta e proferir palavras injuriosas contra as autoridades militares em 1809.

Por tão *graves crimes* esteve preso no Aljube em Braga, sendo por fim absolvido por sentença de 3 de Outubro de 1811.

João Correia Machado, natural da freguesia de S. Pedro Fins Riba d'Ave, viveu depois do seu casamento na sua Casa do Perdigão, desta freguesia das Carvalhas.

Alferes de Granadeiros em Braga, 1813, passou como Tenente para o Regimento de Milícia de Vila do Conde, 1825, e foi nomeado Capitão da 5.^a companhia desse mesmo Regimento em 1829.

Esteve no cerco do Porto e foi mais tarde reformado, visto o seu estado de saúde, no posto de Capitão com todos os privilégios e regalias.

Foi Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, por várias vezes, desde 1837 a 1840 e de 1842 a 1844.

P.^e João Pereira Gomes Rosa, natural de Barcelos, foi pároco nesta freguesia durante muitos anos.

Este meu saudoso amigo, possuidor de uma boa livraria, legada por seu tio P.^e Domingos Joaquim Pereira, o conhecido escritor Abade de Louro, deixou muitos manuscritos, hoje dispersos, publicou a «Cavalgada» e vários artigos em jornais da época.

Os referentes às Carvalhas vêm na «Aurora do Cávado» e no «Comércio de Barcelos», desta cidade, donde eu tirei muitos apontamentos para a história desta freguesia.

Para terminar temos ainda a dizer que as Carvalhas tem Caixa do Correio, mas não tem Escola Oficial.

A sua população no século XVI era de 26 moradores; no século XVII era de 46 vizinhos; no século XVIII era de 61 fogos; no século XIX era de 309 habitantes e pelo último censo da população é de 287 habitantes, sendo 134 varões e 153 fêmeas, sabendo ler apenas 48 homens e 6 mulheres!

Em uma população de 287 habitantes não é para admirar que haja 233 analfabetos, visto que esta freguesia nunca teve Escola e as das circunvizinhas são distantes e servidas por maus caminhos.

Para uma freguesia como esta, que tem quarenta e tal votos e estes *maquiados* pelas oposições, não vale a pena pedir aos Governos a criação de uma Escola. Esperemos pelo progresso da ciência que há-de descobrir um meio de distribuição da instrução aos domicílios pela T. S. F.